ENTREVISTA[i] COM O PROFESSOR DOUTOR JAMES GREEN, REALIZADA NO DIA 18 DE MAIO DE 2017, NA RESIDÊNCIA DA PROFESSORA DOUTORA LÚCIA VELLOSO MAURICIO, NA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO.

Denize Sepulveda[ii]

Lúcia Velloso Mauricio[iii]

Figura 1 James Green

Fonte: Acervo Pessoal de James Green

DS. Como surgiu o seu interesse pelo o Brasil, em ser um estudioso do Brasil?

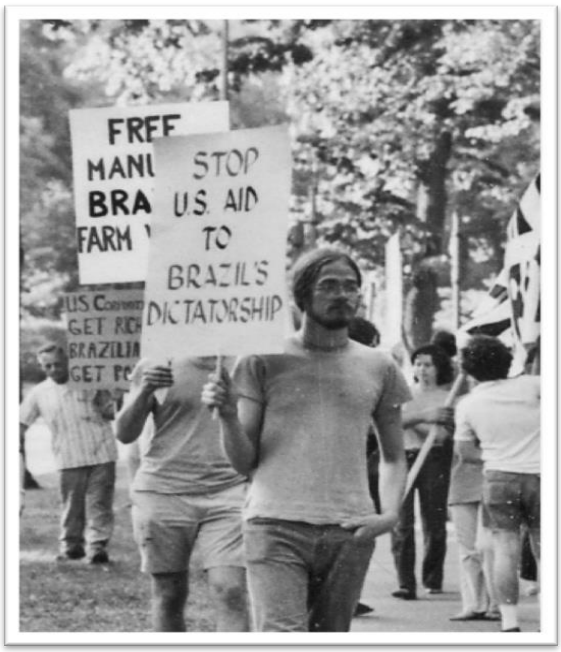
JG. Bom, é uma história muito complicada. Vou resumir brevemente. Eu fui criado por uma família religiosa, de protestantes liberais. Tínhamos uma formação de consciência política. Estávamos muito envolvidos em movimentos a favor dos direitos civis dos negros e contra a guerra do Vietnã. Quando eu tinha 17 ou 18 anos, concluí que o próximo Vietnã seria na América Latina. Sendo assim, fui para o México para estudar espanhol e fui me conscientizando sobre a realidade da América Latina.

Depois de terminar a faculdade nos Estados Unidos em 1972, conheci um brasileiro exilado, Marcos Arruda, que era da Ação Popular, um grupo revolucionário que atuava durante a ditadura militar. Ele foi preso em São Paulo em maio de 1970 e torturado. Conseguiu sair da prisão em 1971 e se exilou nos Estados Unidos, onde organizou um grupo, que se chamava "Committee against Repression in Brazil" (Comitê contra a Repressão no Brasil) e realizou protestos contra o General-Presidente Médici em dezembro de 1971, quando ele visitou o Presidente Nixon na Casa Branca.

Eu fiquei impressionado com a história de Marcos. Era muito carismático e bonito. Começamos a trabalhar juntos. Colaborei na campanha de denúncia da ditadura, da tortura, e a favor do "Tribunal Bertrand Russell" – uma tentativa de um senador italiano em colaboração com exilados brasileiros no Chile de fazer um tribunal internacional que denunciaria a repressão no Brasil. Depois do golpe no Chile, a proposta foi ampliada para ser o "Tribunal Bertrand Russell" contra a repressão no Brasil, Chile e no restante da América Latina. Então eu participei de tudo isso. Quando houve o golpe no Chile em setembro de 1973 eu me dediquei ao trabalho em favor do país com outras pessoas.

Figura 2 James Green protestando contra a ditadura militar brasileira

Fonte: Acervo Pessoal de James Green



Ao mesmo tempo em que tudo isso acontecia, eu estava assumindo a minha homossexualidade, tentando juntar meu interesse nas lutas anti-imperialistas com as lutas democráticas de gays e lésbicas. Fui morar em São Francisco (EUA) em 1975 e lá com um grupo de gays socialistas organizei uma atividade inédita no segundo aniversário do golpe no Chile, que foi uma noite de

solidariedade gay com a resistência chilena, da qual participaram 300 pessoas da comunidade LGBT.

Por todo este trabalho eu quis conhecer melhor a América Latina. Assim, em 1976 eu viajei com a irmã de Marcos Arruda pela América Central e depois para a Colômbia. Depois fui para o Brasil, através de um barco que peguei no Rio Solimões. Tabatinga foi a primeira cidade que conheci no Brasil. Desci para Manaus, Belém, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, onde acabei ficando. Cheguei a São Paulo justamente no início do processo de abertura durante a ditadura militar. Comecei a trabalhar com pessoas envolvidas em atividades contra a ditatura, atuei com o primeiro grupo LGBT no país e estudei na USP. Assim, começou o meu namoro com o Brasil. Era para eu ficar aqui seis meses. Acabei ficando seis anos. Me apaixonei pelo país, pela cultura, e a partir disso, anos depois, recriei a minha vida para ser professor universitário, particularmente para ter pretexto de voltar ao Brasil duas vezes por ano.

DS. Você morou seis anos no Brasil, qual foi a sua primeira impressão sobre o país? Ela coincidiu com a visão e com os estudos que você já vinha desenvolvendo?

JG. Confesso que sabia muito pouco sobre o Brasil quando cheguei aqui. Tinha todo o olhar estereotipado que meus alunos têm quando começo a dar um curso sobre história do Brasil. Eu cheguei ao país num lugar muito diferente que é Tabatinga, que hoje tem um campus da Universidade Federal do Amazonas, mas que na época era uma cidadezinha isolada na selva amazônica e muito pobre. E algo muito engraçado ocorreu comigo e a minha amiga, que me acompanhou. Estávamos num hotel simples sobre um lago na selva. Estávamos pendurando as redes, porque não tinha camas. De repente começou a tocar pelos altos falantes a Internacional Comunista. Aí, nesse momento, pensamos que havia ocorrido uma revolução no Brasil e que estava acontecendo como sucedeu em Portugal, no começo da Revolução dos Cravos, em que as forças armadas rebeldes tocaram uma música no rádio para sinalizar o início da revolta. Depois entendemos que alguém transmitia um programa da Radio Havana lá na selva amazônica. Essa foi a primeira experiência surreal que vivi no Brasil.

O que chamou a minha atenção foi a miséria e a pobreza, que foi muito chocante para mim. Ao mesmo tempo uma coisa que já havia me despertado a atenção nos brasileiros que eu conheci nos Estados Unidos: a existência na cultura de um elemento muito generoso, muito acolhedor, muito simpático, de tocar, de conversar, de demorar para se despedir. Essas são coisas que no começo, para mim, foram difíceis de entender e aceitar, mas acabei compreendendo com o passar do tempo.

Também era um momento político muito interessante, porque era o processo de abertura e as pessoas não sabiam muito bem o que podiam falar sobre as questões políticas. Também me custou entender o processo lento da abertura. Foi muito importante acompanhar todo esse processo. A partir daí, passei a compreender melhor a cultura, a política e a história do país. Acho que consegui desenvolver uma análise mais sofisticada sobre Brasil.

DS. Já morando em São Paulo, você começou a militar na esquerda brasileira, na Convergência Socialista (hoje PSTU), que era trotskista, certo? Nessa época, você já havia assumido a sua homossexualidade. Como foi militar num partido de esquerda sendo homossexual, uma vez que a esquerda brasileira tinha muita dificuldade em aceitar a homossexualidade?

JG. Quando entrei na Convergência Socialista (CS), a organização estava passando por uma crise. A direção havia caído (fora reprimida em 1977/1978), e a CS estava desorganizada e sem muita disciplina interna. Percebi que havia pessoas muito abertas na organização. Fui falar com uma das fundadoras, a Zezé, dizendo que eu gostaria de formar um grupo gay dentro da organização. Ela me disse que tudo bem, que existiam outros homossexuais na organização, que a Convergência não entendia muito bem essa política, mas se eu queria organizar, podia. Houve o apoio especialmente de companheiras que estavam começando a desenvolver uma consciência feminista, então achavam muito importante levar essa briga para dentro da organização.

Em todo este processo de militância na esquerda brasileira era muito difícil as pessoas me encaixarem. Elas não me entendiam. Um gringo anti-imperialista, mas gay assumido, altão, que estava aqui no Brasil, mas não era da CIA. Era tudo muito confuso. Então eu aproveitei essa confusão para entrar na CS e fazer este trabalho. Eu era muito inocente também e não sabia a dimensão das coisas que estava fazendo, apenas achava que tinha que fazer. Eu sofri algumas manifestações de homofobia na organização, mas, na prática, as pessoas queriam entender a questão e também achavam graça de um gringo fazendo isso, assumindo ser gay. Sendo assim, eu consegui aproveitar a situação. Até hoje eu aproveito isso para entrar em lugares, para conseguir fazer coisas, porque as pessoas não sabem me encaixar.

O problema foi com o resto da esquerda, porque as organizações que vinham do Partido Comunista (PCB), Partido Comunista do Brasil (PC do B) e outros, eram muito homofóbicas por conta de uma tradição stalinista enraizada. Os trotskistas, sendo contra a corrente stalinista da Europa, já tinham uma abertura sobre a questão a partir dos anos de 1970. Também existia outra corrente trotskista que percebia a homossexualidade com certa abertura, sendo assim, foram dois polos de abertura. Desenvolvemos um trabalho no Partido dos Trabalhadores (PT) a partir de

1980/1981. Alguns militantes do PT acharam que não tinha nada a ver. Alguns outros acharam interessante, quando surgiu o movimento feminista e tentaram incorporar as mulheres feministas e o movimento negro dentro do PT. Assim, o movimento LGBT pegou uma carona com o movimento negro e com o movimento das mulheres para desenvolver o nosso trabalho.

DS. Em 1978, em São Paulo, você ajudou a criar o primeiro grupo de homossexuais organizados dentro de um partido político na América Latina e também acompanhou a fundação do "Grupo Somos", o primeiro grupo político em defesa dos Direitos Políticos LGBT. Você pode falar sobre essas experiências?

JG. Foi super rico, porque eu já tinha feito uma experiência anterior nos Estados Unidos, em que eu já tentava cobrar uma postura muito mais radical do movimento LGBT norte-americano. Essa noite de solidariedade com a resistência chilena já era uma questão de solidariedade internacional com gays e lésbicas. Nós nem sabíamos se existia no Chile um movimento LGBT organizado, mas acreditávamos que devia existir e que estaria sofrendo repressão pela ditadura de Pinochet. Nós sabíamos da existência de um grupo na Argentina que se chamava Frente de Liberação Homossexual, existente antes do golpe de 1976. Então quando estávamos nos Estados Unidos, em São Francisco, imaginávamos que devia haver uma situação parecida no Chile, ou seja, homossexuais que precisavam da nossa solidariedade. Assim, a experiência de organizar a noite da solidariedade foi muito importante.

Eu tinha consciência da importância histórica deste evento e outras atividades que nós fizemos. Eu dizia às pessoas que estávamos fazendo história a cada passo nosso. Contudo, muitas pessoas do movimento no Brasil não tinham essa noção.

O nosso trabalho foi especialmente importante em 1980, pois o movimento homossexual, que já tinha quatorze ou quinze grupos nacionais, realizou o primeiro encontro nacional de grupos homossexuais organizados em São Paulo. Foi durante a greve geral de 1980, quando o sindicato de São Bernardo sofria uma intervenção da ditadura, que os demais sindicatos convocaram as pessoas para um grande "Primeiro de Maio" em São Bernardo. Então, no primeiro dia do encontro nacional, na Escola de Medicina, na Av. Paulista, houve uma proposta para aprovar uma moção em solidariedade à greve geral.

Durante o encontro alguém propôs que nós participássemos ativamente no "Primeiro de Maio", como movimento. Nesse sentido, houve um debate para decidir se iríamos realmente como movimento organizado. Algumas pessoas achavam que era obrigatório que fôssemos, outras consideravam que a proposta do "Primeiro de Maio" não era compatível com as defesas do movimento LGBT, portanto não deveríamos participar, pois seria uma situação infeliz. Então,

para não rachar o movimento, pois o grupo "Somos" estava polarizado, resolvemos criar um grupo que chamamos de "Comissão de Homossexuais pro Primeiro de Maio".

Fizemos duas faixas lindas para participar da mobilização. Essas faixas foram históricas. Eu mesmo comprei o pano no centro da cidade e pintei as faixas. Como eu já tinha uma consciência feminista muito forte, quando fiz as faixas contra a discriminação, marquei a grafia feminina, ou seja, escrevi do/da trabalhador/a homossexual. Várias pessoas observando o meu trabalho me disseram que não precisava escrever dessa maneira em português, pois a língua escrita era no masculino e não carecia do gênero feminino. Eu disse que precisava, pois as mulheres e homens não tinham os mesmo direitos. Insisti, e muitas pessoas diziam que como eu era gringo não entendia a escrita da língua portuguesa, mas eu entendia muito bem.

Figura 3 Manifestação do Primeiro de Maio em São Bernardo do Campo, 1980

Fonte: Acervo Pessoal de James Green

A nossa participação na mobilização em São Bernardo do Campo foi muito importante, pois participamos com cinquenta pessoas, lésbicas e gays, na passeata, e quando entramos no Estádio Vila Euclides fomos aplaudidos. Até hoje não sei o motivo das pessoas que nos aplaudiram. Talvez tenha sido porque nós veados, como coletivo, não tivéssemos nos manifestado antes contra a ditadura militar e por isso acharam legal. Talvez outras pessoas tenham sido motivadas pelo sentimento de grande solidariedade à nossa causa. Anos depois, falei com várias pessoas que estavam lá e se lembraram desse momento. Elas eram de esquerda e enrustidas, e me

disseram que experimentaram muita alegria ao verem outras pessoas LGBT solidárias ao movimento.

Figura 4 Manifestação do Primeiro de Maio em São Bernardo do Campo, 1980

Fonte: Acervo Pessoal de James Green

Eu já tinha uma orientação política de esquerda, de tentar unir as lutas, etc., mas foram momentos difíceis porque o movimento homossexual, como nos o chamávamos naquela época, atraía pessoas de classe média baixa, que não tinham experiência política anterior e eram muito carentes e vulneráveis à situação econômica, o que dificultava manter a nossa organização. Mas, a partir de 1981, entrou uma nova geração de pessoas mais politizadas, que tinham experiência em movimentos estudantis, com menos medo de serem audazes. Então conseguimos fazer mais coisas.

Depois eu saí do país em 1982, voltei para os Estados Unidos para fazer um trabalho politico lá, em Los Angeles, e perdi contato com o movimento brasileiro. Voltei só em 1993 para fazer meu doutorado sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil no século XX. Eu regressei, mas com muito medo, pois não sabia qual seria o Brasil que eu ia encontrar. Duvidava se os meus amigos iriam me abraçar novamente, se eles iriam me acolher. Mas foi tudo maravilhoso e ainda é, por isso é que eu faço o meu aniversário aqui no Brasil todos os anos, pois me sinto muito amado aqui.

LV. Quem foi seu orientador no doutorado aqui no Brasil?

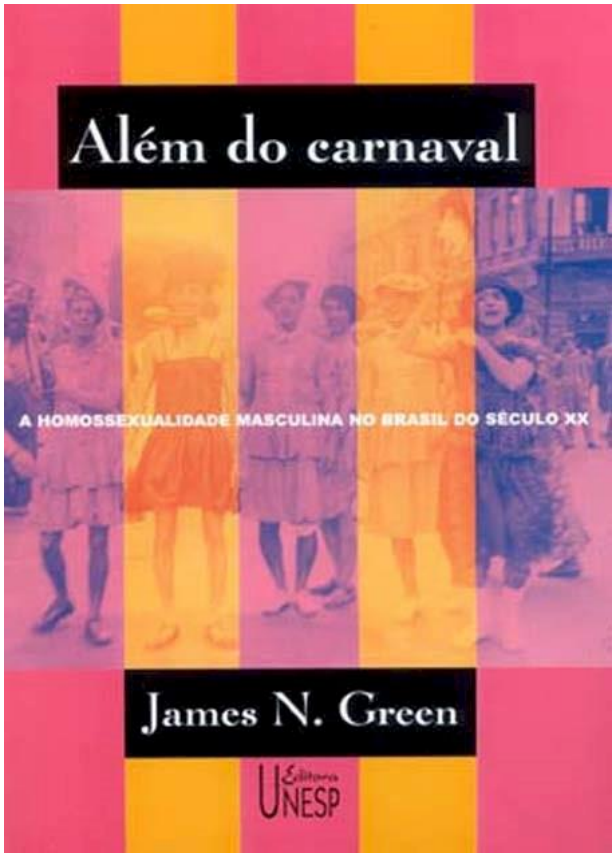
JG. Não fiz doutorado aqui, fiz o doutorado lá nos Estados Unidos.

LV. Ou seja, você fez a sua pesquisa de doutorado aqui, mas seu orientador era de lá?

JG. Sim, exatamente, era da UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles). Na verdade meu orientador morreu. Ele era um brasilianista e faleceu no segundo ano do curso. Consegui trabalhar com outro professor, que era especialista na história de Argentina. Eu tive muita sorte porque logo depois conheci o meu companheiro, atualmente o meu marido, que acabou sendo o meu orientador de fato. Ele já era um historiador e me ajudava bastante a pensar historicamente. Então depois do doutorado a tese virou um livro, cujo título em português é "Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX". Foi publicado pela Editora da UNESP em 2000. Vou fazer uma nova edição agora revisada e ampliada com mais um capítulo sobre a história do movimento LGBT a partir dos anos de 1980.

Figura 5 Capa do Livro "Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX"

Fonte: Acervo pessoal de James Green



Quando eu regressei para os Estados Unidos em 1982, militei mais oito anos no movimento sindical e outros movimentos, mas aos quarenta anos percebi que não haverá uma revolução nos Estados Unidos. Confesso que fui um pouco lento para perceber isso. Então pensei: o que é que

eu vou fazer? Não tinha aposentadoria, não tinha seguro social, nada. Assim compreendi que eu necessitava ter uma profissão, então escolhi ser um acadêmico e ensinar a história do Brasil. Também voltei para a universidade para fazer o doutorado com a intenção de usar a academia como sendo minha área de militância política. Eu sou muito abençoado, pois eu faço o que eu amo fazer. Nem todo mundo tem este privilégio.

DS. Nos anos de 1970, muitxs brasileirxs tinham grande resistência à cultura norte-americana, pois acreditavam que os EUA haviam financiado o golpe civil-militar no Brasil em 1964, iniciando uma ditadura que perdurou até 1985, ou seja, quase vinte um anos. Sendo assim, como foi a sua aceitação pela esquerda brasileira, já que é norte-americano?

JG. Isso é muito curioso. Na verdade, eu entrei na Liga Operária e logo esta organização se transformou na Convergência Socialista, porque eu namorava um cara que foi da organização. Só que ele não queria que as pessoas soubessem do nosso namoro, pois estava com medo de assumir e ser rejeitado por ser homossexual. Eu argumentava que as pessoas entenderiam se ele assumisse o nosso relacionamento, mas ele recusou. Assim, eu fui falando com as pessoas, pouco a pouco, assumindo a minha homossexualidade e elas me aceitaram. Uma ou outra pessoa desconfiava ou sabia do nosso relacionamento, então sabiam que eu não era da CIA (Agência Central de Inteligência Norte Americana). Mas eu acho que o fato de eu ser tão assumido, tão autêntico, tão direto e honesto, fazia com que as pessoas dos partidos políticos de esquerda acreditassem em mim. Eles não podiam imaginar que a CIA seria tão criativa a ponto de inventar uma personagem como eu. Na verdade, nunca tive problema, o que realmente é impressionante. Mas, tive, sim, dificuldade depois no movimento homossexual, pois a ala direita me criticava. Certas pessoas não gostavam da minha visão esquerdista e outras diziam que não tinha nada a ver gringo fazer trabalho político aqui. Porém, a maioria dos brasileiros não tinha essa crítica e sempre foi muito acolhedora.

Depois que comecei a trabalhar com outras organizações, quando fizemos a campanha de filiação do PT, em 1980/1981, trabalhávamos com a organização, cuja corrente estudantil se chamava Liberdade e Luta. E eu fui falar com algumas pessoas desta organização e expliquei que meu namorado era da Convergência e eu estava aqui no Brasil por causa dele.

Na verdade, em 1977 quando entrei na Liga Operária, eu argumentava com meu companheiro o seguinte: se ele acreditava no internacionalismo proletário, ele tinha que incentivar a minha militância no Brasil, porque a classe trabalhadora não tem fronteiras. mas meu namorado criava essas fronteiras, pois ele tinha medo de se revelar. Anos depois ele assumiu, e hoje em dia, está mais tranquilo com a sua homossexualidade, mas foi difícil pra ele.

DS. No ano passado, em 2016, a presidenta Dilma Rousseff, eleita democraticamente pelo voto popular, sofreu um processo de *impeachment* sendo destituída do cargo. Neste processo, o povo não foi consultado. Muitxs especialistas e intelectuais brasileirxs afirmam que o que ocorreu e ainda está ocorrendo no Brasil se trata de um golpe de Estado institucional, jurídico e parlamentar. Você concorda com essas afirmações? O que tem a dizer sobre isso, já que você vivenciou a ditadura civil-militar implementada no Brasil em 1964? O que há de parecido entre esses dois períodos?

JG. Primeiro, existe um debate entre os historiadores. Hoje em dia a maioria fala sobre a ditadura *civil*-militar. Eu acho que foi uma ditadura *militar*. Apesar de ter recebido apoio social de setores civis, de empresários, da igreja católica, e das classes média, para mim todas as decisões fundamentais foram feitas pelos militares, desde o primeiro ato institucional em abril de 1964, até a decisão para iniciar a abertura nos anos 70. Os políticos e os civis apoiavam as decisões que eram tomadas pelos militares. Mas isto é um debate historiográfico, sobre a natureza do golpe.

Sobre o golpe de 2016, eu organizei uma campanha internacional junto com Renan Quinalha, que estava fazendo bolsa sanduíche comigo na Brown University. Ele é um jovem advogado e ativista do movimento LGBT. Também é historiador. Em 2013 escrevemos juntos um capítulo do relatório da Comissão Nacional da Verdade sobre homossexualidade e a ditadura, e organizamos um livro sobre o assunto, "Ditadura e Homossexualidades: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade", publicado pela Editora da UFSCAR.

Então resolvemos fazer uma campanha internacional contra o golpe e contra o processo de *impeachment*. Juntamos duas mil assinaturas de acadêmicos norte-americanos, de europeus e da América Latina. Circulamos muito isso para mostrar que a grande maioria dos intelectuais que estudam, que conhecem o Brasil e a América Latina achava que era um golpe.

Esta posição foi ratificada em duas instâncias internacionais. Primeiro, no "XIII Congresso Internacional da Associação de Estudos Brasileiros" (BRASA) no começo de abril de 2016 e depois quando o "Comitê Executivo da Associação de Estudos Latino-americanos" (LASA) votou uma moção afirmando que o *impeachment* foi um golpe. Depois houve um tipo de plebiscito ou confirmação da moção entre os sócios desta associação e 83% das pessoas aprovaram a moção do Comitê Executivo. Assim, a grande maioria das pessoas que estuda o Brasil e a América Latina e participa nestas associações profissionais internacionais acha que foi um golpe.

O que é diferente e o que é parecido entre 1964 e 2016? Eu acho que tanto em 1964 quanto em 2016 havia projetos de mudanças sociais não revolucionários em andamento, mas que ameaçavam a ordem, que ameaçavam as elites brasileiras. Elas entenderam que havia chegado

um momento em que estavam perdendo o controle da situação. Então em 1964 elas apoiaram os militares que decidiram tomar o poder.

Para mim, algo parecido aconteceu em 2016. Quando perceberam que a eleição de Dilma em 2014 indicava que jamais o centro-direita tomaria o poder pela via eleitoral, e quando entenderam que a presidenta estava vulnerável por haver certa insatisfação com a economia ou por outras questões, as elites brasileiras resolveram fazer o *impeachment*. O objetivo era derrubar esse governo e também implementar o plano neoliberal, que é o projeto político do centro-direita há muitos anos. Então eles fizeram esta articulação em uma situação de crise econômica, de debilidade política, para poder derrubar o governo.

A justificava em 1964 foi a mesma dada no processo de impedimento da presidenta Dilma, ou seja, que os golpistas estavam seguindo a Constituição, as leis e os procedimentos democráticos. Porém, sabemos muito bem que expulsaram João Goulart da presidência. Argumentaram que ele tinha abandonado o país, quando ele não tinha abandonado o seu cargo. Seguiram o procedimento constitucional de ter um presidente interino aprovado pelo Congresso e depois indicaram o Castelo Branco em onze de abril. Sempre estavam embasados no discurso legal. Eles venderam esse peixe para os Estados Unidos e o Lincoln Gordon, que era o embaixador no Brasil, insistiu que o presidente Johnson apoiasse imediatamente a tomada do poder pelos militares, justamente para legitimar essa coisa ilegal.

Foi a mesma situação que ocorreu em 2016. Fizeram o procedimento por uma questão totalmente política de derrubar um governo que eles achavam que não era conveniente para os seus interesses. Nesse sentido, acho que são parecidos. No que ocorreu em 2016, o governo norte-americano ficou neutro e apresentou eventualmente uma tendência para apoiar o governo Temer. Assim, o atual presidente brasileiro ganhou legitimidade internacional do governo americano e de outros governos, como em 1964. Infelizmente essa é uma marca negativa do governo de Barack Obama – ter apoiado essa transição antidemocrática. Acho que a história vai mostrar, como a história mostrou em 1964, que o impedimento foi totalmente antidemocrático

DS. Muitos grupos feministas, assim como especialistas e intelectuais, acreditam que o *impeachment* e a destituição da presidenta Dilma Rousseff também estão associados ao fato de ela ser mulher, ou seja, estão ligados às questões do patriarcalismo e do machismo, que são ainda muito fortes na sociedade brasileira. Você concorda com essas análises?

JG. Plenamente. Desde o começo me chamou muito a atenção como é o "double standard"[iv] sobre isso. A própria presidenta me disse que, quando visitou os Estados Unidos em abril deste ano, percebeu esse sentimento de diminuição em relação a ela, por ser mulher. As pessoas

também fizeram esta pergunta a ela nas palestras que ofereceu. A presidente explicou: "Se uma mulher toma decisões difíceis é considerada durona, é vista como bruxa. Já se um homem faz isso, é decisivo, ele sabe executar ações. Se é uma mulher, fica preocupada com os detalhes, é avaliada como neurótica e workaholic [v], o homem que faz isso é analisado como bom trabalhador". Então, há uma série de estereótipos e preconceitos contra a mulher, e ela sofreu muito com estes atitudes, que tinham o intuito de claramente desqualificá-la. Fato é que nunca fizeram este tipo de discurso contra nenhum presidente masculino. Não engoliram a ideia de uma mulher forte ser presidenta do país, pois isso rompe com toda ordem social dessa sociedade e os 517 anos de hierarquia patriarcal. E ela sofreu muito. Esse foi um ponto de vulnerabilidade da candidatura e da presidência dela usado todo o tempo pela oposição para enfraquecê-la.

DS. O governo Temer significa um retrocesso em relação aos direitos da população LGBT?

JG. Totalmente, em todos os sentidos, porque, entre outras questões, o governo Temer é um governo com coligações com partidos políticos cujas bases são religiosas, que apresentam uma ideologia homofóbica, anti-LGBT. Essa base quer reverter várias conquistas. Quer impor as suas crenças religiosas ao Estado e acabar com o Estado Laico, impondo as suas ideias até dentro das escolas públicas e difundindo uma nova legislação baseada no movimento da "Escola sem Partido". Tudo isso é muito perigoso. O movimento LGBT, apesar de todos os problemas que enfrentou com os governos Lula e Dilma — e eu tenho muitas críticas a esses governos; não sou defensor incondicional deles — mas o movimento LGBT teve certos avanços em determinados momentos, apesar de retrocessos em outros. Mas fato é que tinha acessibilidade ao governo, que não tem mais hoje. E fica cada vez mais evidente, por exemplo no Rio de Janeiro, com esse novo prefeito, como as forças religiosas conservadoras estão crescendo cada vez mais.

Essas forças religiosas aprenderam com a política norte-americana como podem fazer uma aliança entre a direita do partido republicano e os movimentos religiosos evangélicos, para preservar certas ideias conservadoras, e agora estão fazendo isso aqui também. Para mim, o grande perigo dos próximos dois anos é o Bolsonaro. Com a atual crise política no Brasil, está se estabelecendo um pensamento que defende que o povo deve desacreditar dos políticos, que não pode confiar neles, pois são todos corruptos. Com isso, não é difícil surgir um salvador da pátria como Bolsonaro, que tem um discurso de ordem, de progresso, de militarização contra os negros nas favelas e uma crença religiosa homofóbica. Ele assume isso, não tem problemas em dizer que não gosta de homossexuais. Acha que é um absurdo os homossexuais terem direitos. Então isso é muito perigoso para o país.

DS. O que você acha das afirmações que vêm sendo feitas sobre a existência de uma onda conservadora no Brasil e no mundo? O que você entende por conservadorismo?

JG. Esta questão é interessante. Eu tenho um amigo que é do PSTU, que disse esperar que eu não falasse sobre essa onda conservadora numa palestra, para a qual fui convidado na UFRJ. E eu disse a ele: "Como assim? Você acha que não existe uma onda conservadora?". Ele disse que não, que o mundo assiste a uma onda de resistência crescente, e argumentou que nos Estados Unidos há milhões de pessoas mobilizadas contra o Trump, a favor das ideias do Bernie Sanders, que as pessoas falam sobre o socialismo. Não concordo com ele. Eu acho que estamos vivendo uma onda conservadora no mundo. É uma onda conservadora que quer implementar o projeto neoliberal para desmantelar o estado de bem-estar, para valorizar mais o mercado, privatizar e financiar aposentadorias, serviços médicos, escolas, tudo isso. É um projeto muito claro que não está sendo implantando somente aqui no Brasil, mas na Europa, nos Estados Unidos e em outros países do mundo.

É uma onda conservadora que também está contra as conquistas dos movimentos sociais, obtidas entre os anos de 1950 e 1970, em âmbito mundial – movimentos antirracistas e anticolonialistas, na África e na Ásia, movimentos feministas, movimento de negros em outros países, e os movimentos feministas e LGBT nos Estados Unidos, no Brasil e em outras partes do mundo. E claramente eles querem voltar para um passado fantasioso da família perfeita, formada pela mamãe, pelo papai e pelos filhinhos, todos vivendo felizes com seu cachorro e tudo mais, coisa que nunca existiu e não existe. Isso é muito perigoso, não reflete a realidade e eu não quero caminhar para essa fantasia saudosista que pretende manter uma 'realidade' que nunca existiu. Esse conservadorismo não é interessante para ninguém.

DS. Visto o atualíssimo contexto político brasileiro que envolve o atual presidente Temer, como você vê o papel da imprensa no Brasil?

JG. Olha, eu tento explicar para as pessoas nos Estados Unidos que no Brasil só tem um canal, que é a "Globo", ou seja, não existe diversidade de opinião na televisão ou na grande imprensa. Só há uma voz, uma linguagem, uma política midiática que é de centro-direita. A oposição não tem voz. No máximo, existe um ou outro colunista mais à esquerda, que eles colocam dentro da "Globo" ou nos outros jornais como a "Folha de São Paulo" ou o "Estado de São Paulo" para aparentar que são democráticos, mas não há uma constante criticando a situação atual. E o contrário ocorreu durante o processo de desconstruir as imagens de Lula e Dilma. Isso é problemático, pois fazem uma lavagem cerebral que manipula a população com essa visão da Rede Globo e dos jornais mais importantes do país.

Também existe esse tipo de lavagem cerebral nos Estados Unidos, feita pela "Fox News". Todavia, existem outros canais, outras opiniões. Neste momento, o "Washington Post" está cumprindo um papel muito importante de vigiar e criticar o Trump. É uma voz democrática. Infelizmente, não existe aqui no Brasil uma grande mídia democrática. No máximo, redes sociais e uma ou outra revista que eventualmente vai conseguir ter algum eco nacional, mas é difícil, pois a maioria das pessoas assiste apenas ao Jornal Nacional da rede Globo, que domina a mídia.

DS. Sobre o atual governo brasileiro, qual seu posicionamento?

JG. O governo Temer? Primeiro e finalmente, Fora Temer. Um governo que é ilegal, que assumiu o poder por vias não democráticas. Mesmo com os argumentos formais do *impeachment*, ele cometeu os mesmos erros orçamentários que supostamente fez a presidenta. Então ele não deveria estar mais onde está. Não sabemos como será amanhã ou depois, mas fato é que ele vai cair. O problema é quem virá depois, porque toda essa situação realmente pode resultar em um populismo da direita. Um cara como o Donald Trump aqui, um Dória, ou outro personagem mais nefasto ou maluco.

Pessoas desse tipo podem surgir aparentando ser a 'salvação nacional', então isso é um problema. Infelizmente, acho que o processo de desgaste do PT, os erros, e tudo mais, criaram certo ceticismo que leva as pessoas a não acreditarem nos partidos políticos tradicionais. O PSOL e outros partidos à esquerda do PT ainda não conseguiram atrair um apoio popular e maciço. A esquerda também não fez sua autocritica, não conseguiu. Considero que ainda vai demorar para repensar o que é ser um partido de oposição ou um partido do povo, dos trabalhadores. Então neste tempo há pessoas desacreditando no PT, desacreditando na esquerda como um todo, optando por outras soluções. Eu estou preocupado se vamos ter outro presidente como foi Jânio Quadros em 1961. Bem, existem várias possibilidades neste sentido. Eu acho tudo muito instável quando se vivencia um cenário como esse, pois podem surgir coisas imprevisíveis e perigosas.

DS. Você fez uma pesquisa sobre o Herbert Daniel e escreveu um livro sobre ele que em breve será publicado no Brasil. Por que o seu interesse sobre ele?

JG. Bom, Hebert Daniel, como diz o título provisório do livro "Revolucionário e Gay: a vida extraordinária de Hebert Daniel", realmente era uma pessoa excepcional. Era um estudante de medicina, que virou revolucionário. Seu pai, seu avô e seu irmão eram da Polícia Militar de Belo Horizonte. Ele entrou na Universidade Federal de Minas Gerais em 1965, um ano depois do golpe. Imediatamente se politizou, pois era uma pessoa muito culta, que gostava de ler, gostava

de artes e de cinema. Ele entrou na resistência à ditadura, optou pela luta armada, foi membro de várias organizações que resistiram e tentaram transformar o Brasil, e chegou a ser do "Comando Nacional da Vanguarda Popular Revolucionária", que junto com outros grupos sequestrou os embaixadores alemão e suíço para conseguir a libertação de 110 presos políticos que eram torturados pela ditadura. Enfrentar a ditadura desta maneira foi um projeto sem sucesso e acabou sendo derrotado em 1971.

Mas o cara não desistiu. Ele seguiu e reinventou sua militância e continuou fazendo trabalho político em 1972/1973, até que foi aconselhado por pessoas que trabalharam com ele, e que estavam no exílio, a sair do Brasil, pois corria sério risco de ser assassinado. Essa preocupação existiu porque a ditadura a partir de 1970/1971 começou sistematicamente a matar pessoas. Contudo, era complicado matar uma pessoa que todo mundo sabia que fora preso, porque acusariam facilmente a polícia de ter matado. Todavia, era possível forjar uma situação, fingindo que a pessoa fugiu, ou mesmo simplesmente mandar prender a pessoa sem o conhecimento da sociedade, e aí matar. Então esse tipo de situação passou a ser comum a partir de 1971 e por isso os companheiros tiraram Hebert Daniel do país em 1974.

Ele foi para a Europa, passou por Portugal, pela França, e nesse processo foi repensando como devia fazer o trabalho político e o trabalho revolucionário. Ele estava influenciado pelas ideias feministas. Assumiu sua homossexualidade que tinha reprimido durante vários anos na militância política. Também iniciou um relacionamento com o Claudio Mesquita, que ele conheceu na clandestinidade, um amor que durou vinte anos.

No exílio ele começou a articular uma nova maneira de pensar e fazer política. Ao voltar ao Brasil, em 1982, colocou-a em prática, tendo sido assessor de uma campanha eleitoral do Lizst Vieira do PT. Em 1986, candidatou-se a deputado estadual, no Rio de Janeiro. Na ocasião, fez uma campanha muito fora do tempo, muito vanguardista, muito além do momento, no sentindo de realmente ter apostado em ideias muito avançadas para o público brasileiro. Tão à frente do tempo que não conseguiu ser eleito. Ele avançou em ideias que Jean Willys hoje em dia defende, mas isso há trinta anos.

Em 1989 descobriu que tinha AIDS e imediatamente, três meses após o diagnóstico, criou um grupo chamado "Pela VIDA". Nessa época, desenvolveu um discurso contra o preconceito a pessoas com HIV/AIDS e contra a política pública nefasta do governo Collor de Melo. Ele conseguiu mobilizar as pessoas com a ideia de que a solidariedade é a melhor maneira para responder ao preconceito contra as pessoas com HIV/AIDS. Faleceu em março de 1992.

Acho essa personagem super interessante, pois conseguiu colocar em prática algo que é meu ideal de vida – juntar a minha sexualidade, a realidade homossexual com o compromisso com os

movimentos populares e sociais. E ele conseguiu abertamente fazer uma unificação dessas lutas. Essa é também a história da minha vida. Desde que tenho vinte anos, venho tentando fazer isso.

Percebi que Hebert Daniel era uma pessoa desconhecida, nem mesmo eu o conhecia muito bem quando comecei a fazer o livro. Ele estava esquecido. E quando iniciei a pesquisa, entrevistando a mãe dele, ela me pediu: "por favor, faça esse livro, pois ele era uma pessoa muito especial". Com o desenvolvimento da investigação, comecei a conhecer as pessoas que conviviam com ele e cada uma delas me falou do amor que sentia por ele. Foi fácil perceber como cada uma o amava profundamente. Percebi que ele era uma personalidade única e excepcional, e que tinha que ser redescoberta para ser uma referência para as novas gerações.

Então, a intenção do livro é recuperar essa personagem e oferecê-la para o mundo, para que todos a conheçam. Espero que meu livro consiga retratá-lo de uma maneira carinhosa e respeitosa, porque eu não o conheci. Infelizmente, eu só o conheço por meio da minha pesquisa e das pessoas que o amavam – da mãe até as melhores amigas e amigos. Aliás, essa foi outra coisa magnífica de minha pesquisa, pois ganhei novas amigas e amigos aqui no Brasil, entre elas a Lúcia Velloso, e isso foi delicioso, poder ampliar a minha rede de amigas e amigos neste país.

---

[i] A transcrição desta entrevista foi feita pelo bolsista de Iniciação Científica Renan Corrêa dos Santos da UERJ/FFP.

[ii] Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdade Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores. Professora Adjunta do Departamento de Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores.

[iii] Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdade Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores. Professora Associada do Departamento de Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores.

[iv] Double standard refere-se à duplicidade de critérios.

[v] *Workaholic* é uma gíria em inglês que significa alguém **viciado em trabalho**; um **trabalhador compulsivo** e dependente do trabalho.